



BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE

PROJETO MEMÓRIA ORAL

JOSÉ ARTHUR GIANNOTTI

Hoje, 12 de dezembro de 2005, a Biblioteca Mário de Andrade, sob a direção de Luís Francisco Carvalho Filho, dá continuidade ao seu projeto de Memória Oral, que busca reconstituir a história da Instituição a partir da criação de um amplo e multifacetado acervo de fontes orais, composto por relatos de experiências de diferentes funcionários, ex-diretores, usuários, pesquisadores, artistas e intelectuais. Nesta tarde, integrando o rol de depoimentos abertos ao público, entrevistamos o Professor Emérito da USP, o filósofo José Arthur Giannotti. Coordenador do grupo de quadros profissionais da Área de Filosofia Política do CEBRAP, é autor de inúmeras obras, entre elas *Certa Herança Marxista*, *Exercício de Filosofia*, *Marx: Vida e Obra* e o *O Jogo do Belo e do Feio*. Pela Biblioteca, Paulo Eduardo na captação de imagem e Daisy Perelmutter na condução do depoimento.

Daisy Perelmutter: Professor, nós gostaríamos que o senhor iniciasse o seu depoimento, primeiro traçando um mapa afetivo da cidade de São Paulo, resgatando os lugares que foram marcantes, evocativos na sua infância, juventude e vida universitária.

José Arthur Giannotti: Bom, em primeiro lugar eu queria dizer que, ao contrário de hoje, a cidade era nossa. Basta eu descrever o dia meu. Eu morava ali perto da Santa Casa, estudava no Colégio do Estado. Eu ia a pé com o meu colega até a Ladeira do Carmo. Às vezes, eu me lembro bem, quando nós tínhamos ginástica, a gente atravessava a Rua Direita, ainda no escuro. Depois eu voltava a pé de novo para casa, chegava à uma hora, e botava o rádio a todo volume para ouvir a música dos mestres que era *La belle de la Coppe*, que era do amigo Mário de Andrade.

Depois nós saíamos, atravessávamos, daí já estávamos em grupo, íamos para a Rua Florêncio de Abreu, onde estava a Discoteca. Ficávamos algum tempo ali esperando, para ver se entrávamos na cabine e nós tínhamos esse direito de ouvir quarenta minutos de música. Para todos nós era muito importante porque a gente não ia apenas ouvir música. A gente ia, sobretudo, explorar o universo musical, que, naquela época, era muito reduzido no Brasil. Depois nós andávamos de novo até à Rua Major Sertório, onde estava a Biblioteca Infantil. E lá, na Biblioteca Infantil, a gente se encontrava, lia. E, de vez em quando, obviamente, entre essas andanças, a gente fazia um pouco de esporte.

Mas, eu me lembro que em 1947, justamente, eu... não, em 1945 - minha memória já está falhando, nunca foi boa. Em 1945, nós fizemos o primeiro Congresso Infantil de Escritores, não sei se você teve notícia dele. A Biblioteca aqui estava sob a direção do Mário de Andrade, desculpe, do Sérgio Milliet, e a Biblioteca Infantil sob a de Lenira Fraccarolli. Inventaram..., eu tenho a impressão de que foi uma ideia do Sérgio Milliet - de... o congresso... Eu acho que foi em 1946 que invadiu... O Congresso de Escritores foi em 1945, não é isso? Que deu o choque lá no governo Vargas. E não sei porque o Sérgio Milliet inventou de fazer o concurso. Nós fizemos o concurso, muito interessante, e, no ano seguinte, nós repetimos. Em 1947, eu me lembro perfeitamente, nós repetimos. Fizemos aqui nesta sala as discussões. Eu me lembro que o Oliveiros Ferreira da Silva ganhou o primeiro lugar, eu ganhei o segundo. O meu trabalho era sobre fábulas.

Depois a Biblioteca se tornou o centro das nossas pesquisas, dos nossos estudos. E cada um aproveitava, evidentemente, de acordo com o seu próprio modo de vida. Eu, que fui sempre mais caxias, eu vinha para cá, conversava dois ou três minutos com uma turminha que sempre estava em volta da estátua – que nós chamávamos “o grupinho da estátua” – depois a gente ia trabalhar. Mas isso não significava que muitas vezes – isso já mais tarde, não é isso? Eu voltava para estudar um pouco de arte – sempre me interessei por artes plásticas e, naquele momento, a Biblioteca era muito boa. A gente tinha..., eu não me lembro de ter outra biblioteca de arte tão boa em São Paulo.

Então eu explorava muito esse acervo. Eu me lembro que, lá pelas oito e meia a gente saía. Íamos para a São Luís, Pari Bar, tinha outros bares, que eu não



me lembro o nome, conversava-se um pouco e todo dia ia-se ao cinema. Para mim, aliás, bem mais tarde, esse hábito de ir ao cinema era muito importante porque, como eu estava fazendo meu doutoramento, eu levantava às sete e pouco, ia andar no Parque da Aclimação. Enquanto eu fazia o meu exercício, eu ia pensando no que eu ia escrever na minha *lettera*. Trabalhava das seis às seis e pouco, jantava correndo, tomava o ônibus Machado de Assis, e vinha correndo para cá. Via o cinema e saía correndo para cá.

O cinema, até hoje, me corta as obsessões. Daí eu posso dormir, mais ou menos, depois do trabalho. Havia um outro aspecto também da Biblioteca, que era muito importante. Ela servia de fonte de conhecimento, servia de ponto de encontro e, como fonte de conhecimento, há um outro aspecto que eu gostaria de salientar. Esse auditório, havia muita coisa nele e, junto com o auditório da Caetano de Campos, que eram os dois grandes auditórios no centro de São Paulo, é aqui que a vida cultural se realizava. No auditório Caetano de Campos, eu me lembro perfeitamente quando Camus veio dar uma conferência, o Oswald de Andrade o apresentou em francês e – como é que chama?... O Roland Corbisier, no meio da conferência, gritou: “Oswald, que mau francês você tem!”. Oswald não perdeu o rebolado, na hora em que ele saiu, eu estava ao lado dele, e ele disse para o Roland Corbisier: “Pudera, não sou filho de ‘francesa’”.

DP: E como é que o senhor conheceu o Oswald de Andrade?

JAG: Justamente no segundo Congresso Infanto-Juvenil, que o Rudá começou a participar, ele me convidou para ir para a casa dele, e foi lá que eu comecei a conhecer toda a intelectualidade paulista. Ou, às vezes, tinha gente do Rio de Janeiro que vinha. Infelizmente, quando eu comecei a participar com a de São Paulo, Mário já tinha morrido. Mas foi lá que eu conheci quase todo mundo. Havia um outro aspecto, que é muito interessante dessa época, era que todo mundo se dava com todo mundo. Mesmo gente da esquerda e da direita, mesmo quando, às vezes, havia umas brigas; por exemplo, do Cruz Costa dar umas guarda-chuvadas no Vicente Ferreira da Silva e assim por diante.



Mas Oswald foi muito importante para mim, na medida em que eu vinha de uma família pequeno-burguesa, de origem italiana, onde o mau gosto imperava. E, de certo modo, o meu refinamento começou com Oswald e depois continuou na Faculdade de Filosofia. Porque, naquela época – não hoje! –, era inconcebível que qualquer pessoa que entrasse na Faculdade não tivesse o compromisso com o refinamento. Então, qualquer pessoa, e de certo modo a Faculdade era bem democrática, havia muitas ilustres senhoras, e todos nós, de certo modo, ao entrarmos na faculdade, sabíamos que nós deveríamos ver os melhores filmes, assistir aos melhores concertos, vir à Biblioteca Municipal e frequentar as conferências. Hoje, evidentemente, isso não existe mais. Mas foi assim, precisamente, que eu comecei a me abrir e, eu já contei isso várias vezes, mas vale a pena, como é que as pessoas se davam, e ao mesmo tempo brigavam. Foi Oswald de Andrade que mandou, antes propriamente de eu estar, ser aluno de Filosofia, para o seminário que ele fazia, na Rua Major Sertório, no porão, não no porão, numa espécie de loja que o irmão dele tinha, e foi lá que eu comecei a frequentar.

DP: Com o Oswald?

JAG: Não, Oswald não ia.

DP: Estimulava, mas não ia...

JAG: Era o Vicente, aquela turma mais à direita, está certo? Que eu frequentava e foi lá que eles me deram o *Paideia* na mão, que eu lia, leio regularmente. Talvez tenha sido umas das experiências mais bonitas minhas porque eu lia, começava com Homero, começava com a Ilíada de Homero. Ou comprava Homero, porque já estava começando a aparecer os primeiros livros, importados pela Livraria Francesa, ou vinha aqui pegar o texto. Eu li tudo até Platão. Foi uma espécie de introdução minha ao mundo grego.



DP: E esse preâmbulo todo precede a sua inserção na Faculdade de Filosofia, todos esses estudos?

JAG: Isso, mas eu estou, obviamente, juntando tempos diferentes. Mas, eu estava à Biblioteca Infantil, 1947 mais ou menos, e eu já estava decidido a fazer Filosofia. De certo modo, a obsessão era precoce. E havia uma bibliotecária, chamada Darcy, eu não me lembro agora o sobrenome dela, e me resolveu um problema: eu queria continuar a fazer o Científico – na época nós tínhamos o Científico e o Clássico – queria continuar o Científico, porque eu tinha interesse em ciências exatas, mas não queria perder a formação do Científico. Mas havia um problema, porque no vestibular de Filosofia caía latim e eu tinha de estudar latim. “Mas é muito simples, você vai para a Faculdade de Filosofia aqui como ouvinte”. E foi lá que eu tive Fidelino Figueiredo, e assim por diante. Grandes professores, e eu um pirralho. Fazia o ginásio, e aí já uma época que eu vinha menos à Faculdade e à Biblioteca, evidentemente. Fazia o ginásio lá no Colégio do Estado, depois na São Francisco. Não. Como é que se chamava? Joaquim Francisco. De manhã eu vinha para a Faculdade, à tarde fazia o colégio lá e passava um pouco por aqui.

DP: E quem o trouxe até a Biblioteca, professor?

JAG: Como eu já estava na Biblioteca Infantil, eu sempre considerei aqui uma espécie de filial da Biblioteca Infantil. Portanto, é normal. E mais ainda, o Milliet ia muito à Biblioteca Infantil. Mas eu me lembro quando Monteiro Lobato ia lá fazer tertúlias e assim por diante. Eu me lembro bem do Lobato porque ele era o sujeito que menos gostava de criança na vida. Mas ele era muito gentil... Então havia esta vida intelectual, que era extremamente provinciana, pequena, mas muito viva, com um debate muito grande. E, de certo modo, eu creio que nós estávamos fazendo uma maneira paulista de fazer cultura.

DP: Como o senhor define essa maneira paulista?



JAG: Porque nós fomos, enfim... Todos nós fomos marcados pela Faculdade de Filosofia no começo, pelo menos na minha área. A Faculdade, até eu, tem três gerações... A primeira geração é a daqueles que sofreram diretamente a influência francesa e assim por diante, e que imitaram os franceses. Em seguida veio a geração que o Florestan Fernandes, chamava de geração “*between*”, que é a geração entre Cruz Costa, Fernando de Azevedo, assim por diante; e ele e Antonio Candido, que já começa a dizer “até logo” para o ensaísmo, mas ainda muito generalizado. Há um mito totalmente falso de que Florestan era um marxista totalmente organizado... Era um marxista nada, era um funcionalista até a raiz dos cabelos... Tanto assim que até os dois primeiros livros dele têm o nome “função”: *A função social da guerra dos Tupinambás*, e assim por diante. E é nesse ambiente que se forma uma terceira geração, que é a geração mais técnica, menos ensaísta, com algumas, vamos dizer assim, algumas exceções: a “turma da estátua”, ou daqueles que gostavam do bar, como o Bento Prado. Nós éramos os mais técnicos, os mais sérios.

DP: Quem era, quem eram, esse grupo do qual o senhor faz parte, que vinha à Biblioteca, na verdade, com uma relação de pesquisa, com um comprometimento maior com a pesquisa?

JAG: Bom, esse grupo foi, não me lembro exatamente agora... Bom, o meu grupo era Enio Silveira Melo, Hamilton de Campos. Quem mais? Rudá. Esse era o grupinho. Daí a gente... eu tive dois grupos. O grupo da Faculdade e o grupo daqui. O grupo da Faculdade, de certo modo, começou a competir com o da Biblioteca, na medida em que nós começamos a ter uma biblioteca lá. Na medida em que nós tínhamos uma vida mais aula, namoricos e assim por diante, lá. Então a Biblioteca começou a ficar, obviamente, em segundo plano. Esse grupo, esse primeiro grupo, que todo mundo conhece isso por causa da história do seminário do Marx, não é isso? Que em 1958, quando eu voltava da França, formou aquele seminário para ler o Marx. Aí, o Octávio Ianni, Ruth Cardoso, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Novais, Paul Singer, enfim. Foi uma geração forte, enfim, uma geração que marcou a vida intelectual brasileira, e até, um pouquinho, a vida política.



DP: E o senhor, quando veio, o senhor começou a frequentar a Biblioteca e ter uma relação sistemática, ou alguns interesses foram deflagrados nesse contexto a partir desse cotidiano como leitor da biblioteca?

JAG: No início não tinha muito o interesse de ler não. Eu me lembro porque eu sou de São Carlos, eu vim para cá em 1939. Fui alfabetizado numa das, talvez, escolas mais lindas do Brasil, que é um edifício da Álvaro Guião, que é um *art-nouveau* de uma beleza incrível. Agora, infelizmente, foram obrigados a cercá-lo de grades, o que tirou muito da respeitabilidade dele. Bom, lá, eu me lembro que, uma vez, eu tinha tirado uns livros da biblioteca local e acabei entregando sem lê-los. Naquele momento eu queria ser agrônomo, me interessava por plantas e já era um pouco puxa-saco. Eu me lembro que um dia tinha umas alfaces lindas... e eu tinha prometido para minha professora do primeiro ano, que eu ia levar umas alfaces plantadas pelas minhas mãos. E, no dia seguinte, eu fui buscar as alfaces e umas galinhas do vizinho tinham pulado o muro e eu só encontrei no meu canteiro toquinhos.

DP: Não deu para...

JAG: Esse era o meu interesse... Eram plantas, andar, sempre andava quando dava. Moleque, moleque, eu me lembro que, em São Carlos, eu andava de calção o tempo todo. A minha vida muda aos nove anos quando eu vim para São Paulo.

DP: Seus pais que vieram para cá...

JAG: Meus pais vieram para cá... Meu pai veio explicitamente para dar educação superior aos filhos. Fez todo o sacrifício, uma coisa impressionante. Ele estava mais ou menos bem de profissão em São Carlos. Vendeu tudo, teve uma oferta de emprego, veio para cá. Mais tarde ele perde o emprego, passamos mal. Mas, posso dizer, nós éramos cinco, morreu um irmão, foi um negócio, o do meio, muito, muito traumático. Mas eu fiz Filosofia, o outro irmão fez Engenharia na Poli, a minha outra



irmã fez São Francisco, a outra Psicologia. O que marcava um outro estilo: nenhum de nós fez vestibular – nem passava pela cabeça fazer vestibular – terminava o colégio, ia prestar o exame e acabou.

Agora, aos poucos, aquele ambiente de confraternização entre os grupos começou a se deteriorar. Eu me lembro, perfeitamente, uma vez, eu estava aqui, já começando uma briga com o pessoal da direita, e nós viemos para cá assistir a conferência do Heraldo Barbuy. Nós não queríamos ver a conferência não, nós queríamos era fazer “fuá”. Então, uma hora que o Barbuy começou a falar muito do “*Furst, Furst ...*”. Eu estava lá em cima, daí eu gritei: “Isso é mentira!”. Aí, numa hora que eu estava saindo, veio um guarda e disse: “Eu vou proteger o senhor na saída.” Ele pegou e me deixou lá embaixo. Os meus colegas não foram protegidos, e apanharam aqui do lado. Houve uma verdadeira batalha campal entre os meninos da direita e os meninos da esquerda. Talvez algum prenúncio do que foi, mais tarde, a luta da Maria Antonia com o Mackenzie.

DP: E quem que eram os meninos da direita, o senhor se lembra?

JAG: Não... vou dizer para você que eu não tenho boa memória, aliás, nunca tive. Cada professor tinha o seu grupinho, não é? Uma espécie de guarda intelectual. Oswald que nunca conseguia manter ninguém. A língua dele era tão ferina e o jeito dele era tão incerto, embora ele tivesse alguns amigos. Oswald sempre foi um homem solitário...

DP: E esse contato o senhor manteve até a morte dele?

JAG: Eu mantive até a morte dele. Eu me lembro, foi muito engraçado, quando eu entrei na Faculdade de Filosofia, aos vinte anos, para fazer Filosofia, o Vicente Ferreira da Silva me disse: “Você me traiu. Como é que você vai para aquela escola...”. E, mais tarde, houve um concurso para titular e foi um concurso extraordinário. Não havia publicista em São Paulo que não se inscrevesse no concurso. Estava o Cruz Costa, obviamente, depois Heraldo Barbuy, Vicente Ferreira da Silva, Oswald de Andrade, Joaquim Pinto Lazário. Aí a Faculdade, numa



manobra, que a meu ver tinha sentido, mas que se tornou altamente prejudicial, eles determinaram que só aqueles que tinham curso de Filosofia podiam fazer o concurso. Eu acho que isso podia ser resolvido através de uma banca internacional, porque uma banca nacional não ia dar conta do recado. Mas eu me lembro nesse momento que Oswald me apresenta a sua tese e ele: “Leia isso”, que era a Antropofagia... E era absolutamente extraordinário e, sabe, do ponto de vista acadêmico, aquilo não tinha sentido nenhum, porque a tese era uma mistura de Bacover com Engels. Ele faz um panorama da história da civilização a partir do momento em que se perde o matriarcado. E nos horripilava, não é? Aristóteles tinha na bibliografia, Hobbes, Platão, Hobbes, certo?

Eu descasquei o trabalho de Oswald e, hoje, me arrependo, porque quem estava certo era ele. O texto não tem nada de Filosofia, nem poderia ter. Mas se vocês o lerem agora, ele é um texto literário de uma qualidade... As cenas absolutamente extraordinárias, como aquela em que Jesus é levado para o Monte - que monte ele foi? Não me lembro - para ser tentado pelo diabo e o diabo mostra todo o mundo de binóculos para Jesus, tem algumas coisas muito engraçadas e muito bem escritas. E havia outros momentos, momentos em que...

Quem ia muito à casa do Oswald, que a gente se encontrava... Nós éramos três a frequentar a casa do Oswald, o mesmo grupo, era o Fausto Castilho, depois o Norman Potter, que morreu, nós três íamos para lá sempre. E eu me lembro perfeitamente que um dia estava eu e o Fausto, e o Oswald disse: “Eu vou ler uns poemas para vocês”, e ele lia de uma forma muito romântica. Eu me lembro um dia, aquele poema que é belíssimo da Maria Antonieta D’Alckimin. Ele lia muito ... E ele pediu: “Maria Antonieta, saia daqui, eu vou ler uns poemas para eles”, e era o “Santeiro do Mangue”, que depois foi perdido, como você sabe, e foi encontrado há pouco tempo e é, realmente, um conjunto de poesias eróticas que são admiráveis.

DP: E essa experiência da relação com ele, na relação com a vida universitária, não era conflitante?

JAG: Era conflitante, mas a gente... Por exemplo, Oswald me emprestava livro. Eu me lembro, as primeiras coisas que eu li do Husserl foram do Oswald. Husserl era



muito mal visto quando eu era aluno da Faculdade, porque a fenomenologia era monopólio da direita, principalmente pelo trabalho do Vicente Ferreira da Silva. Então um dos primeiros livros, que eu comecei a ler do Husserl, era do Oswald. E era muito interessante porque ele lia três páginas e acabou, nem abria. O Cruz Costa, por sua vez, lia um pouco mais, mas tinha umas notas muito engraçadas, mas tudo muito generoso. Quando ele viu que eu estava realmente me interessando por isso, ele me deu uma edição extraordinária das *Investigações Lógicas*, traduzida para o espanhol, que eu conservei até há pouco tempo, junto com o texto alemão. E eu fiz a besteira de – há uns dois ou três anos – emprestá-lo.

DP: E ele não voltou?

JAG: Ele não só não voltou, como, outro dia estava procurando na biblioteca, como todos os meus Hobbes foram embora. Se vocês sofrem roubos de livros, nós professores também sofremos.

DP: Durante essas duas referências matrizes que o senhor nos deu, o senhor teve, tanto da sua formação na Faculdade de Filosofia, como nesse contato que o senhor manteve, seja com a Biblioteca, seja com os modernistas...

JAG: Não, porque, veja bem, na medida em que a Faculdade sai da Praça da República e se concentra interiormente na Rua Maria Antonia, nós passamos a circular em torno dela. E a Biblioteca então cada vez mais a gente vinha menos, em particular porque nós começamos a formar uma biblioteca lá, e vocês não sabem o que foi formar uma biblioteca. Eu me lembro quando eu fui, logo que eu entrei na Faculdade, a Faculdade tinha, de Filosofia, uns trezentos livros, uns trezentos livros, não mais do que isso. Eu fui chamado para dar aulas muito cedo. Eu estava no quarto ano ainda e, porque o Granger foi obrigado a voltar para a França, ele disse: “Olha, se há alguém que pode me substituir agora é o Giannotti, porque senão não vai dar certo”. Eu, terminando o curso, eu dava umas aulas, foi aí que Bento Prado foi meu aluno, e precisava comprar uns livros de Filosofia e o Cruz Costa dizia: “Olha, você vai dar aula, mas você não vai passar do manual do Cuvier” - “Não, vou



passar do manual do Cuvier, sim, e assim por diante...”. E uma hora comprei as *Obras Completas* do Kant em alemão. Recebi um pito danado: “Por que você vai comprar o Kant em alemão se ninguém lê em alemão aqui?”. A minha resposta foi a seguinte: “Se não tiver livro para o pessoal ler em alemão, não vão ler nunca”.

Esta foi uma das tarefas da minha geração: fazer o máximo de traduções. Cada um de nós tinha a obrigação de fazer uma tradução. Eu mesmo, logo que comecei a orientar, eu transformava mestrados em tradução e explicação de texto para a gente ter justamente essa biblioteca que hoje a gente tem. Essa biblioteca que, em português, é coisa extraordinária.

DP: Foram então os próprios... como é que foi, a Universidade foi investindo?

JAG: A Universidade começou investindo, mas pouco. A EDUSP¹ começou a publicar, depois a FAPESP². Até eu acho que talvez o momento áureo desse momento da tradução foi com a coleção d’*Os Pensadores* - da Editora Abril. Quem dirigia era o Pedro Paulo Poppovic, que viu a oportunidade de fazer uma linha como o *Great Books*. Nesse momento, nós fomos aposentados, portanto, 1968. E ele disse: “Vou aproveitar essa mão-de-obra”. Eram sessenta e poucos títulos e eu cheguei ao Pedro Paulo: “Eu quero trinta, está *ok*?”. E nós catávamos quem estava fazendo doutoramento nos autores e pedíamos para essa pessoa fazer a tradução e uns pequenos comentários. Nós temos, por exemplo, graças a isso, dois volumes dessa coleção que, a meu ver, eu acho uma das coisas mais lindas que tem: são as duas traduções feitas pelo Rubens Rodrigo Torres Filho, que é o Nietzsche e o Fichte / Schelling. Mas veja só, quando nós conseguimos publicar um Fichte / Schelling não havia na França ainda uma coleção de Fichte / Schelling como a que nós estávamos fazendo no Brasil. Daí, para não ser modesto, eu faço uma tradução. Em 1970, eu faço uma tradução do *Tractatus Lógico-Philosophicus*³, que não é uma maravilha, porque estávamos todos intoxicados de filologia, mas é a segunda tradução do mundo, como depois eu fui descobrir. Havia a tradução inglesa e não havia ainda a tradução francesa, espanhola, italiana...

¹ Editora da Universidade de São Paulo

² Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

³ Ludwig Wittgenstein: seu único livro publicado em vida.



Conseguiu-se dar às novas gerações uma espécie de base para que eles pudessem, primeiro, começar a falar a filosofia em português. Você sabe que a língua portuguesa nunca teve filosofia e, quando ela teve filosofia, era latim. Eu tenho citado muito a frase do Figueiredo que era: “Portugal tem uma língua no século XVII, quando ela não tem mais nada para dizer ao mundo”. Então nós tínhamos que inventar e, depois há um outro problema que nós tivemos e temos ainda: linguagens muito diferentes. Mesmo entre nós, aqueles que vinham de famílias tradicionais, tinham uma fluência no português, uma familiaridade com a língua que não acontecia com os netos ou filhos de imigrantes, porque a linguagem em casa havia sido muito reduzida. Então, muitos de nós tivemos que conquistar uma língua portuguesa, e, em particular, nesse momento em que ela estava se destruindo, porque você examina o português de São Paulo, hoje, é um português que perdeu a sintaxe.

DP: O senhor faz referência a esse momento em que o senhor é exonerado...

JAG: Exonerado não, aposentado, com vencimentos proporcionais ao tempo de serviço.

DP: E o senhor estava no início de sua atividade docente?

JAG: Estava no início da minha atividade docente... Não, depois de dez anos. Eu tinha voltado em 1958 – fui aposentado em 1969. Então já fizemos, já estávamos transformando bastante a Faculdade, tanto assim que a nossa aposentadoria foi efeito da política universitária. Nós conseguimos fazer que a Universidade, que até aquele momento era regida pela Faculdade de Direito e pela Medicina – não, pela Faculdade de Direito e a Poli – e a Faculdade de Medicina, coitada, estava dividida ao meio, tanto assim que os primeiros expurgos vieram em 1964, já na Faculdade de Medicina, que o Ademar⁴ intervém, está certo?

Naquele momento, em 1968, nós conseguimos mudar o foco. O reitor, que era médico em Ribeirão Preto, e aí o Gaminha – o Gama e Silva –, que tinha

⁴ Ademar de Barros



perdido todas nesse momento, simplesmente dá o golpe da aposentadoria. A lista inicial era oitenta e poucas pessoas, mas chegou a 28, uma coisa assim, porque a resistência começou a ser grande, resistência inclusive do próprio movimento militar. Uma vez eu me lembro...

Bom, depois nós fundamos o CEBRAP⁵. Nós queríamos saber até que ponto a gente podia trabalhar, quais eram os limites e como eu era – era não, sou – amigo do Paulo Egídio, e mesmo a Lupe, que morreu também em 1970, minha mulher era muito, muito amiga da mulher dele, deles. Eu falei com eles e ele me disse: “Você vai falar com tal cara, um coronel”. Depois eu soube que era o grande representante da inteligência e cuidava dessa parte. E nós tivemos uma conversa, eu fiquei muito, muito impressionado com o rapaz. Anos depois ele veio pedir emprego no CEBRAP, foi muito engraçado.

DP: Como pesquisador?

JAG: Pesquisador, mas, na hora que nós estávamos saindo, ele disse: “Eu quero apresentar o comandante do segundo exército para você”. Eu não me lembro quem era esse cara. E sabe como é que ele nos apresentou? Da seguinte forma: “Aqui são dois professores” – era eu e o Fernando Henrique – “Dois professores aposentados pelas estripulias do Gaminha, certo?”. Só que essa estripulia foi efetiva, porque da primeira vez que eles tentaram enfiar a mão na Faculdade, controlar a Faculdade, não deu certo, puseram um PM lá. E aí o debate entre os professores e os tenentes, obviamente os professores ganharam, a não ser o Florestan Fernandes, que era muito rígido. Ao invés de ir conversando com o tenente, ir levando na moleza: “Eu protesto, eu não faço nenhuma declaração”. Foi preso. Em compensação, um dia antes, o Cruz Costa tinha sido interrogado, daquele jeitão do Cruz Costa, bonachão e tal. Conversou longamente com o tenente. E a “milicada” considerava que saber cantar o hino nacional era prova de nacionalismo, patriotismo, assim por diante. Então, chegando no fim da entrevista: “Senhor Cruz Costa, o senhor pode cantar o hino nacional?” - “Sem problema, só com música. O senhor assobia e eu canto”. Ele nem assobiou, nem cantou. Enfim,

⁵ Centro Brasileiro de Pesquisas



no fundo, você percebe, do ponto de vista ideológico, aquela convivência no fim dos anos quarenta, cinquenta foi se...

Havia duas forças muito precisas que entravam em choque, que era o partido comunista e os integralistas. Havia porrada, mas era uma porrada que não impedia, de certo modo, que as pessoas pudessem se encontrar, pudessem ter uma certa convivência.

DP: E esse lugar onde estamos era um lugar onde...

JAG: Era um desses locais, e isso depois foi se deteriorando até, justamente, o Golpe.

DP: Nesse período que o senhor se afasta da Universidade, eu gostaria que o senhor falasse como foi sua produção acadêmica nesse período, foi o momento da criação do CEBRAP?

JAG: É, mas aí todo mundo sabe, a ideia foi não me ligar. Aliás, eu estava, não sabia o que fazer. O que um filósofo estava fazendo aqui? O Granger, que tinha sido meu professor, foi muito gentil. Aliás, os franceses todos muito gentis, e logo depois eu recebo uma carta dizendo: "Não sei por quanto tempo, mas pelo menos por dois anos você pode vir para esta *provence*. Você vai ter lugar lá, certo?" Mas eu estava casado com a Lupe e o que ela me dizia, como Mefistófeles depois vai dizer: "Eu preciso ir ali por quê? Eu posso ficar um ano fora e tal, mas eu não vou conseguir produzir a não ser em português". Mas veja bem, com uma dedicação à Universidade, de ela estar com câncer e dar aula, num momento muito corajoso. E você sabe que o grêmio se chama Cotrim. Coitado do meu filho Marco!, que dá aula no lugar onde a mãe dava aula.

Só para resumir, o CEBRAP foi algo inventado com esse grupo que já tinha uma coesão ideológica e intelectual, com a Fundação Ford, que teve uma atitude extremamente compreensiva. Ela quis evitar que houvesse o mesmo fenômeno que teve na Argentina, que os intelectuais foram embora. Então ela propõe fundar três grupos, mas ela só consegue fundar um. Mas quem teve essa ideia, um americano



chamado Kail Michael, sofreu à beça, porque foi chamado no consulado e assim por diante. E mais tarde, quando a gente passou para inquérito, eu me lembro de estar lá sendo questionado, tirando e botando capuz, lá no DOI-CODI⁶, e o tenente, visivelmente, sabe se lá a patente dele, tinha sido treinado nos Estados Unidos, e toda hora falava mal dos Estados Unidos para me pegar, de repente falou: “Eu não sei como vocês, comunistas, puderam ser financiados pelos americanos”. Os americanos financiavam tanto o pessoal de formação como quem estava se formando para DOI-CODI, como a gente.

DP: Há alguns estudos que revelam a aproximação - voltando um pouquinho - dessa jovem universidade com a política cultural do município. Então, era uma iniciativa interessante que havia essa contiguidade entre essa política do Estado da cultura e a universidade. Nós gostaríamos que o senhor comentasse como essas esferas, que possuíram uma abrangência quase inédita, se comunicaram, e se esse intercâmbio, que parece ter existido entre instâncias públicas distintas, pode ser considerado hoje um paradigma de atuação.

JAG: A gente não considerava muito distinto, não. Era um amigo que estava na direção do Teatro Municipal, era uma outra pessoa que vinha para a Biblioteca, mais ou menos como aquilo era um negócio muito provinciano. Estou me esquecendo de um negócio muito importante para pensar essa área, que é a fundação do MASP. A fundação do MASP cria um outro polo, muito importante. A gente é obrigado, aí, ao invés de eu vir pra cá estudar arte, eu vou para o MASP.

Eu me lembro do primeiro curso que o Bardi dá. Ele dava um panorama da História da Arte, e ele pensava que nós éramos uns ignorantes totais. Uma hora ele estava falando de Plotino e ele falou: “Alguém conhece esse tal de Plotino?”. eu, por sorte, sabia do nascimento de Plotino: “Ele nasceu em 205 e morreu em 270”... Mas quem estava lá? O Jorge Wilhelm – que logo depois eu pedi para que ele fizesse a casa dos meus pais, a primeira casa que o Jorge Wilhelm fez foi a dos meus pais –, estava Radá Abramo, que deu um seminário engraçadíssimo, em que ela falava não sei de que período a partir de uma pedra que rolava, uma pedra enorme e ela se

⁶ DOI-CODI: Departamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna



esfalfava em rolar a pedra. Depois estava o Rudá, Fernando Henrique, Ruth, enfim. Nós vimos o MASP ser criado, e eu me lembro ainda do concerto do Koellreutter.

DP: Nesse esforço que a gente está fazendo de tentar revitalizar a Instituição – esta Instituição, no caso – o senhor, que vivenciou as instituições públicas de cultura com este vigor, como o senhor visualiza o futuro de uma instituição como essa, para ela resgatar um pouco esse espaço, essa importância, essa função social?

JAG: Acho que o primeiro problema, que é muito sério, é reviver o centro de São Paulo. Eu duvido que se não houver uma nova vida no centro, a Biblioteca possa sobreviver. Eu me lembro, há alguns anos atrás, tentaram reviver o Teatro São Pedro e não conseguiram. Agora vão reformar de novo o Anhangabaú. O que se manteve ainda, mas por causa da ópera, foi o Teatro Municipal. Toda a rede de cinema foi destruída.

DP: Agora o senhor é obrigado a ir para os shoppings quando o senhor vai ao cinema?

JAG: O que é pavoroso. Detesto shopping! Mas eu me lembro, aqui, dos festivais de cinema, grandes festivais. Eu me lembro uma noite, era muito tarde, eu estava quase dormindo. Era um filme do Stroheim, *La Grand Illusion*, e eu vi que ele vinha passando... Tinha um contato vivo com tudo isso. Não creio que isso volte se não houver uma política cultural municipal que seja muito efetiva, o que significa que é preciso que o município tenha uma situação financeira regular, senão fica na mesma que a situação financeira dos municípios: vai e volta, vai e volta. Então eu vejo, por exemplo, que a Maria Antonia conseguiu um espaço. Quando me perguntaram o que poderiam fazer com a Maria Antonia, eu disse: “Faz um estacionamento lá” – que era o que mais faltava na zona – “Faz estacionamento”. Arrependo-me profundamente dessa *boutade*, mas o Lorenzo Mammi conseguiu transformar a Maria Antonia num foco. Mas tem Mackenzie, não é? Esse é que é o problema. Mas eu não sei. Eu não sei como é que está a frequência da Biblioteca, em quem vocês vão investir, qual é o possível público. Obviamente, nós não vamos



ter uma Biblioteca Mário de Andrade que seja uma *Public Library* de Nova Iorque, ou a biblioteca que seja “A” Biblioteca da cidade. Eu acho que não há solução, a gente tem que focar.

E esse problema de focar não foi resolvido, porque eu me lembro que houve uma briga enorme na Universidade de São Paulo, que nunca quiseram fazer uma biblioteca central. Imagina se a Faculdade de Direito ia se despedir dos seus livros. Mas agora, com a computação, isso desapareceu. Em qualquer lugar que eu esteja da Universidade, eu sei onde está o livro, em que biblioteca, e dois dias depois ele está na minha mesa. Então, obviamente, eu tenho a impressão de que isso está acontecendo nas bibliotecas municipais. O problema é saber que público vocês vão ter, talvez vocês já tenham um público e talvez, pela minha ignorância, enfim, peço a informação: quem é que vem para cá hoje?

DP: É bastante híbrido esse público, estudantes secundaristas, estudantes universitários das faculdades da região.

JAG: Tem violência?

DP: Não. Na verdade, por incrível que pareça, no máximo o que tem são pequenos furtos, mas menos que em outras partes da cidade, em que a tensão social é bem maior do que aqui.

JAG: E droga, tem por aqui?

Luís Francisco Carvalho Filho: Tem um público que vive, que mora aqui. Um pouco quando a administração pública municipal aperta a ‘cracolândia’, houve uma transferência para cá, que foi mais aguda e que agora diminuiu. O problema do centro é efetivamente central: ou você o resolve de uma vez, porque não é possível fazer itens de revitalização.



JAG: E como é que vocês fazem a seleção dos livros? Porque é impossível vocês terem tudo. Então, qual é a linha da Biblioteca, qual é o livro que vocês vão ter? A não ser que isso vire um depósito.

LFC: Não existe uma política de aquisição e isso é importante, o senhor saber. A Biblioteca se transformou, a partir de um determinado momento, numa simples divisão do Departamento de Bibliotecas - a Biblioteca Mário de Andrade era equivalente a qualquer outra das 66 bibliotecas que existem por toda a cidade. Nesta condição, ela não tinha dotação orçamentária própria e não tinha, e não tem, uma política de aquisição própria. Essa aquisição era feita por um departamento que comprava os mesmos livros para os CEU's, para as bibliotecas de periferia e, quando adquire um único volume, esse volume viria para cá. Esse é o único critério. Desde os anos de 1970, a Biblioteca não tem espaço para crescer e portanto para modernizar o seu acervo. Nos anos de 1970 já se transferiu parte do seu acervo para Santo Amaro - jornais e periódicos. O que há, hoje, é uma aquisição que eu definiria como ridícula: oitocentos livros por ano, sem nenhum tipo de critério. Esse é um dos nossos desafios. A Biblioteca já se transformou num departamento, a partir de agosto, e a nossa expectativa é formar essa política ao longo do tempo. Hoje a indústria editorial no Brasil está em torno de vinte a vinte e cinco mil livros-ano. Se fôssemos colocar tudo aqui, teríamos que construir mais de um andar na torre por ano, o que é praticamente impossível. Quer dizer, essa vocação da Biblioteca Mário de Andrade é um outro desafio. Nós achamos que ela deve estar voltada para a guarda de literatura e de humanidades em geral.

JAG: Tudo isso é muito triste. Há um problema mundial de livros. Em 1980, 1982, eu estive na Universidade de Columbia. Naquele momento eles tinham 17 livrarias no campus, quer dizer, 17 bibliotecas no campus, entupidas. Cada vez que eu passo por lá, eles não sabem o que fazer de livro. Mas eles têm o que, a meu ver, é fundamental, que eles chamam de *cross campus library*, uma biblioteca especializada em livros didáticos, básicos. Quando a menina sai do primeiro grau, está fazendo a graduação, está lá. Mas tem uma circulação, a ideia é que você focou, várias bibliotecas, tem uma que é o lugar, onde os meninos vão trabalhar. Eu



tenho a impressão de que o centro de São Paulo faz um pouco isso, não? Centro Cultural, não é?

LFC: O Centro Cultural é uma biblioteca que vai muito bem, justamente por atender a esse público de segundo grau.

JAG: Mas eu me pergunto em que medida uma parte da Biblioteca Mário de Andrade não valeria fazer isso, não? Já que o problema nosso é botar o segundo grau de pé. Isso é um problema sério no Brasil hoje, muito sério. Nós estamos investindo pouco em educação, comparando com os países asiáticos, é muito pouco, e, nas áreas de humanas, a qualidade é muito ruim, muito ruim. Eu tenho visto algumas seleções de pós-doc, as ciências humanas é desesperadora. Há doutores que eu não aprovaria no vestibular. É todo um esforço muito preciso da melhoria da qualidade da educação.

LFC: Como o senhor acha isso possível? Porque, para mim, é uma tarefa gigantesca, para gerações.

JAG: Por cima, porque se a gente começar a comer o gigante pelo dedo ele não faz nada, nós temos que melhorar a qualidade do ensino médio e democratizá-lo. Isso significa que o ensino fundamental quase não vem à Biblioteca, não é isso? Então, o primeiro passo da Biblioteca é o ensino médio.

DP: E como é que o senhor vê as políticas de formação de leitores?

JAG: Eu acho que tem que formar leitor. E uma das formas de reviver o centro de São Paulo seria ter alguns focos de fortalecimento do ensino médio... Um lugar onde o menino precisa fazer a sua lição de Geografia. Vem, pega o material... Como é a biblioteca circulante?

LFC: Ela não está mais aqui. Ela está na Rua da Consolação, onde era a Chácara Lane. É um casarão. Nós estamos investindo nela, neste exato momento, como um



módulo de recuperação de toda a Biblioteca. Estamos fazendo todo um levantamento do acervo, e colocando esse acervo no catálogo eletrônico da prefeitura. Com o código de barra, com a identificação para o leitor, o sistema de computação da prefeitura, tentando dar a ela um padrão que hoje já existe, de certa maneira, no Centro Cultural. Uma das ideias que nós temos, isso está sendo discutido, é a de se transformar a Biblioteca Mário de Andrade numa grande biblioteca circulante. E reservar aquilo que é o acervo especial, além do acervo de obras raras, porque temos um acervo interessante, dos anos quarenta, que, tecnicamente, nós poderíamos chamar de obras raras. A biblioteca circulante tem no acervo uma história dos jesuítas, nove volumes, e você pode levar para casa. E ninguém sabe disso. Se a Universidade soubesse disso, que ela tem um acervo duplicado, e por isso foi destinado à circulante, haveria uma procura muito grande.

DP: Professor, como o senhor acha que um filósofo pode se engajar nessas discussões urbanísticas, de formulação de políticas públicas para a cidade? Você acha que é válido?

JAG: É válido. O problema é saber qual é a curiosidade do filósofo, pois nem todos os filósofos são curiosos. Eu não creio que o filósofo, como tal, tenha uma participação peculiar. Ele é um intelectual como os outros, se vier alguém aqui: “Não, do ponto de vista filosófico...”, bota o sujeito para a rua.

DP: O senhor tem sido convocado para dar a sua contribuição...

JAG: Como filósofo, não.

DP: Como cidadão?

JAG: É, como cidadão... Como cidadão a gente é convocado nas eleições, a gente é convocado como curioso, como falador.



DP: E o que o senhor acha desse esforço da gente, enfim, é uma das iniciativas, tantas outras, no sentido de tentar resgatar um pouco essas experiências...

JAG: Acho fundamental, porque justamente esses centros... O Brasil tem pouca História, as instituições são muito breves. O fato de existir a Biblioteca Mário de Andrade, com esta idade, é preciso justamente que ela tome consciência do que ela foi, o que não significa, de jeito nenhum, que ela deverá ser a mesma coisa. O mundo mudou, o centro de São Paulo mudou e assim por diante. Então eu acho que a tarefa da Biblioteca é, dado o mundo tal como ele é, dado São Paulo tal como ela é, como é que a Biblioteca Mário de Andrade se reforma para ela voltar a ser efetiva como ela foi nos tempos passados?

DP: Qual é o valor que o senhor atribui às histórias de vida nesse processo de produção de conhecimento sobre a experiência social, que é exatamente o que a gente está fazendo aqui?

JAG: História de vida sempre é um elemento importante. Primeiro, dá a impressão de que a gente é importante, faz lá... sobre a vida, faz lá, como se fosse um documento e depois vai ficar um rolo aí, certamente encaixotado. Depois vai ser digital, e talvez alguém comece a pesquisar e: “ah, aquele cara disse um troço interessante”, e vai puxar o fio, enfim, a vida é isso mesmo.

DP: Eu gostaria de fazer algumas perguntinhas que não são sobre a Biblioteca, mas para alguém que está engajado na sua contemporaneidade. O que o senhor acha, consegue identificar alguns possíveis núcleos, diante do encolhimento do espaço público, da prevalência do capital em quase todas as esferas sociais, do esmorecimento do papel dos intelectuais, se o senhor tem alguma disposição de falar sobre isso, sobre essa questão, você acha pertinente; o senhor identifica alguns nichos, seja na vida intelectual, acadêmica, das artes, que tem tentado combater essa ditadura da normalidade?...



JAG: Eu não sou frankfurtiano e não venho aqui choramingar a produção mercantil da arte, a sociedade de massa que liquida tudo... Eu ainda me lembro das lições do Marx, porque o capitalismo, ao mesmo tempo que destrói, aliena, ele constrói. Então, agora, nos últimos tempos, eu estou impressionado, eu tenho visto mais televisão a cabo e, de repente, você vê que, diante daquela pasmaceira, começam aparecer filmes interessantes e mais ainda, politicamente engajados. Eu tenho visto críticas à invasão do Iraque em filmes que eu não imaginava que isso pudesse ser feito. Há um lado ambíguo da cultura e de toda a produção da ciência. Cabe a nós explorá-los, reforçando esta ambiguidade, obviamente aqueles elementos que do nosso ponto de vista são capazes de uma melhoria da cultura, uma melhoria da liberdade da vida social e assim por diante.

Mas eu acho que nós passamos por uma outra fase. No início eu estava contando que São Paulo, por ser província, embora os integralistas, os galinhas verdes, se enfrentavam na Praça da Sé com os comunistas, havia toda uma circulação não só de ideias, como de pessoas. Aos poucos, isso foi sendo corroído. Hoje é nítido que os intelectuais, a vida cultural em São Paulo, está extremamente dispersa e cada um tem o seu inferninho.

Não creio que possamos voltar àquela comunidade antiga. Nós podemos voltar a uma certa interface, que a meu ver está faltando, através da melhoria da imprensa, através de uma rede de comunicações, através de políticas focadas e, sobretudo, acho que isso é o mais importante, que a gente reconheça que hoje, para que nós possamos ocupar o espaço público, nós precisamos ser democratas. O que significa ser democrata? Saber reconhecer e agir com o outro, porque o adversário é elemento fundamental na construção da sua identidade política. Portanto, se nós não começarmos a perceber, embora eu esteja completamente contrário a alguns acontecimentos da História do Brasil hoje que isto tenha acontecido, tem um sentido e que isso representa, de certo modo, um momento que nós temos que ultrapassar, mas é bom que tenha acontecido antes de ficar subjacente. Então a questão da cultura, hoje, a meu ver, está muito ligada à questão da democracia. E a questão da democracia está ligada a uma ideia básica, que nos importa, é o sistema político como um todo. Nós sabemos que, para caminharmos politicamente, é preciso ter uma boa direita, uma boa esquerda, um bom centro. E



que sem isso, sem esse jogo político nós não teremos nem democracia, nem capacidade de sair desses vinte anos que o Brasil está de certo modo adormecido.

DP: E na Universidade, porque o senhor tem uma experiência que é...

JAG: Não falo.

DP: Não fala? Sobre a produção do conhecimento da Universidade?

JAG: Não falo sobre a Universidade, nós perdemos o projeto da Universidade. A melhor coisa que eu tenho a fazer é me calar.

DP: Nada? Nem falar sobre a experiência dos seus alunos?, porque eu não ia falar sobre a sua percepção da Universidade, eu ia falar sobre uma outra coisa.

JAG: Não, porque, quem perde, fica quieto.

DP: Então o senhor venceu, eu não vou conseguir.

JAG: É que eu sou teimoso, não é um problema de vencer.

DP: O senhor é teimoso e eu não vou conseguir ser aquela entrevistadora autoritária. Na verdade a pergunta era sobre... O senhor teve a experiência privilegiada que o senhor resgatou ao longo da sua fala, hoje o conhecimento, todo esse conhecimento, essa produção de conhecimento, o senhor foi urdindo na experiência coletiva. Nesse livro que o senhor concedeu uma entrevista, *Conversas com Filósofos*, o senhor falou uma coisa muito interessante: ao ser interpelado sobre a questão da fé, o senhor afirma que a sua religiosidade pode ser entendida na sua relação com o outro, da sua solidariedade com a alegria com o outro. O senhor identifica, por exemplo, no caso específico dos seus alunos de Filosofia da USP, que essa disposição e essa investidura ao outro como fundantes do projeto de



produção intelectual, o senhor consegue encontrar então algum gérmen dessa sua experiência no passado?

JAG: Posso ficar dialético? Acho que essa questão coloca um problema que é questionável: não se pode falar dos alunos de Filosofia. Há grupos bons, grupos ruins e há uma massa enorme de gente absolutamente desinteressada. E o problema maior é que justamente a universidade não foca. Essa ideia que nós vemos não sei quantas USP's pelo Brasil – já estou falando, não posso –, não tem sentido, não tem sentido. Essa universidade vai valer para tal coisa, aquela para tal outra, e vamos ter algumas universidades nessa área, e ter um processo de seleção de estudantes que seja realmente seletivo. Ter um processo de formação de professores que se envergonhem de estar cento e poucos dias parados, porque isso é uma vergonha nacional. Pôxa, se trata de alunos que eles estão roubando a formação. A universidade me deixa muito bravo.

DP: Nós estamos tão envergonhados que nós voltaremos a temas mais suaves. Eu teria talvez uma última pergunta antes do senhor finalizar: o senhor havia dito numa entrevista que não costuma rever os seus trabalhos teóricos, na medida em que a escrita cristaliza um processo que já se encerrou. Como o senhor vive a sua experiência da releitura com a literatura? Quais são os livros que o senhor releu ou relê várias vezes?

JAG: Isso é um problema sério, eu não estou lendo ficção, não dá tempo. E ontem, falando com um jornalista, cujo nome não vou citar, obviamente, eu disse: “Não consigo mais ler ficção”, e eu estou ficando de uma tal forma burro e menor, que eu não estou ouvindo mais música.

DP: Mas tudo isso é efeito da universidade?

JAG: Não, não tem nada a ver com a universidade, é o efeito de uma tal concentração em determinados temas, que eu só consigo ver coisas que me desliguem das minhas obsessões. Então outro dia eu tive uma experiência muito



interessante, eu estava lá com uns discos que eu comprei e estava louco para ouvir e não tinha impulso de ouvir. Terminei um artigo que estava fazendo, a primeira coisa que eu fui fazer foi ir correndo ouvir a música. Então, depois de um certo tempo, você entra numa tal obsessão, que é doentia. Se você tivesse alguma medicação para curar isso, eu ficaria muito feliz.

DP: Professor, eu gostaria que o senhor encerrasse o seu depoimento nos falando um pouco sobre o seu último trabalho, que resultou no livro *O Jogo do Belo e do Feio*, que envereda sobre a vertente da estética, produzindo a reflexão sobre a linguagem na cultura. O senhor gostaria de falar alguma coisa sobre essa experiência?

JAG: A minha formação de arte começou aqui, na outra sala. Eu sempre tive enorme fascínio pelas artes plásticas e sempre estudei o “juízo”. Porque a minha paixão é entender como as pessoas julgam e qual é a estrutura do seu julgamento. Então eu tenho feito isso em vários níveis. O momento em que eu achei que tinha elementos suficientes para me perguntar como é que funciona quando as pessoas dizem isso é bom, isso é feio. Não precisa ser isso é bonitinho, isso é feito, isso é trabalho, isso não é trabalho. Há uma divisão na obra de arte que ela é aceita ou não, e foi isso na obra de arte que eu tentei trabalhar. Com - acho que uma ideia gostosa pelo menos - a ideia de que as artes plásticas, pelo menos, invertem a relação da imagem e do imaginado. A imagem é sempre pensada como uma espécie de decalque, de pegada que as coisas deixam na imaginação. E, durante muito tempo, a arte foi pensada justamente como uma reinauguração dessas pegadas e, de certo modo, sempre havendo uma espécie de realidade arcaica, mesmo que fosse tradução de Platão. A arte era uma espécie de, ou decadência do real, ou uma espécie de recuperação, porque ela volta atrás. Eu estou tentando entender que a imagem pode ser outra coisa. A imagem a gente constrói, o desenhista ou o pintor, se ele começa a aprender através do modelo, ele está pintando um peixe, o peixe se transforma em unicórnio. A arte é muito mais um processo de construir a sua referência, nesse jogo. Por que é jogo? Porque a gente não sabe se dá certo. Porque nós temos regras, mas a partida ninguém sabe



ganhar. Então, nesse jogo, como é que eu estabeleço o belo e o feio ou então um grande quadro e um outro quadro? Há sempre essa tentativa de construir imagem, e a construção de imagens procura o imaginado, mesmo que seja abstrato. No fundo eu posso pensar a arte invertendo a relação da imagem com o imaginado, que foi o que nós tivemos com a experiência do abstracionismo. E, para finalizar, não poderia deixar de agradecer esse convite, agradecer aos fantasmas que estão presentes nesta sala, e agradecer a vocês que estão aqui, mourejando para transformar essa Biblioteca numa biblioteca de fato.

(perguntas abertas ao público)

Pergunta 1: Boa tarde, professor. Meu nome é Rosemaire, e eu gostaria de saber qual é o filme que o senhor nunca se esqueceu.

JAG: Todos.

Rosemaire: Mas tem um preferido?

JAG: Não. Para não ficar grosso, quando você tem vários filmes, tem momentos em que o que era bom pode ficar ruim. Toda arte é assim. Eu passei uns dez anos brigado com Beethoven, não aguentava o Beethoven. Agora estou ouvindo Beethoven e agora eu o ouço muito. Eu sei que *Flores Partidas* é um belo filme, ele está aí.

DP: O que o senhor viu recentemente?

JAG: *Flores Partidas*, um lindo filme, inclusive com a fotografia, é um puro... vi dois filmes brasileiros; o primeiro é o *Cidade Baixa* e o outro é *Cinema, Aspirinas e Urubus*, que é um filme interessante; *Hotel Ruanda*, que é mais ou menos... Enfim, eu citaria isso.



DP: E a sua experiência como andarilho, o senhor mantém?

JAG: Não, agora é a coisa mais triste possível, porque o que eu gosto em São Paulo, e também em algumas cidades americanas, europeias, é que eu posso trabalhar até uma certa hora e depois eu posso passear, andar pela cidade. Para eu chegar do Morumbi até aqui eu demoro uma hora e pouco. Para voltar, é uma hora e quarenta, no mínimo. E eu sou um andarilho especial. Levanto-me, tomo o meu carro, vou até o outro lado do bairro, onde tem uma praça planinha, caminho, faço quatro vezes o quilômetro, faço flexão e volto. Então, virou basicamente um exercício imbecilizador.

DP: E o senhor não inventou outros trajetos, como o senhor tinha?

JAG: Não, porque, quando você chega a uma certa idade, você fica cardíaco. O cardíaco tem de andar em lugares planos, certo? Obrigado.

